

A SUA NUDEZ DESVANECE O AR

(Aos imigrantes que ainda sobrevivem na rua)

Cai a noite como um zero
sobre o papel azul do seu quebranto.
E num abraço inesperado
a cidade envolve-se a si própria.

A sua nudez desvanece o ar.
Os seus sonhos, um pedaço de papel
amassado.
A noite caiu sobre o parque.
Os pássaros fazem os seus ninhos
com as suas orações.
E nas bordas dolorosas da lua,
um silêncio amarelo.

A solidão aproxima-se da minha janela
como uma amante cega.
Sem palavras nem beijos agradáveis.

O tempo vai passando
e nas rugas desta canção
fixo os meus olhos.

E no recanto de um poço cego
A prece capital, selada.

Não há perguntas que quebrem o silêncio
e o desamparo de quem vive sozinho
envolto nos seus sonhos,
nas ruas vazias,
nas areias de uma praia ferida,
nos parques sem rumo nem baloiços?

A minha pergunta é a mesma, todos os dias.
Abro o meu coração ao ar livre
como uma romã nos seus delírios.
Desgrano o seu coração com um tremor
inusitado
e outra pergunta sem resposta.
Perguntas vazias?
Não! Nem pensar!
A minha pergunta é a mesma, todos os dias.
Passo em revista os dias antigos
e latentes, os mesmos sonhos.
E nem todos os sonhos são sonhos.

O que vamos fazer...
Não há perguntas que quebrem o silêncio
dos seus olhos?
A minha pergunta é a mesma, todos os dias.
É possível viver como se nada fosse?
Viver é fácil com olhos cegos.
Por favor, esquece isso!
A minha resposta é a mesma, todos os dias.
Se o coração não bater rápido
e não se aconchega no desamparo
dos que vivem sozinhos
à espera das migalhas
da Mesa do Mercado,
despojo os meus sonhos
e continuo a lutar
pelo que me convida a cada instante
o quebra-mar da sua vida
onde os seus sonhos
foram sepultados
numa concha solitária
numa praia sem contornos.

Las Palmas, Abril, 2021

Blas Márquez Bernal, cmf
(FOTO: [Jon Tyson](#))

